

Sombra, maio de 2016

Meu caro amigo Querubim Lapa:

Não lhe escrevo de Bougie, mas da sombra onde o meu amigo teve a fineza de vir partilhar comigo não um lugar reservado na tribuna, nem sequer uma fila da plateia onde se sentam os que se querem fazer notados a pretexto de notar, mas um lugar a que nos cinematógrafos do nosso tempo na terra dávamos o nome de geral. Você e eu, os dois nascidos em Portimão, estamos na sombra geral, e embora o meu amigo aqui tenha chegado muito depois de mim, já deve ter notado que, contrariamente ao que os iluminados pensam, quem está na sombra apenas pode comunicar por escrito. Daí a minha ousadia de lhe enviar este postal. Sei que, quando decidi iniciar a viagem para esta sombra, a 2 de maio passado, ninguém na nossa comum terra natal o saudou, e muitos pelo Algarve fora, até desconheciam que um dos mais portentosos cultores e renovadores da Arte, conhecera, nas margens do Arade, a luz e as formas que inspiraram as suas obras de cerâmica. Comigo aconteceu mais ou menos o mesmo até aos ossos. Muito embora aqui, na sombra, já não tenhamos tempo para inquietação e muito menos angústia para coisas mundanas, os ecos de uma lembrança que de nós façam lá na Terra, chegam-nos a este lugar como o bater de ondas mansas nas primeiras horas do dia sobre a areia húmida. Queria dizer ao meu amigo que foi de uma enorme injustiça, o atroz esquecimento de lhe acenarem com um adeus, um adeus apenas que fosse, quando tomou o avião para esta sombra – nos meus tempos era o vapor. Nada o poderá compensar, nem por certo quererá alguma compensação, mas espero que aceite uma partilha que lhe proponho, nesta gruta de fresquidão e de silêncio onde estamos: onde houver uma praça com o meu nome, dou-lhe metade da praça; onde exista uma rua, fico com metade e a outra metade é para si, Querubim Lapa; onde ergueram uma estátua ou um busto, contentar-me-ei com a parte literária, mesmo que esta fique reduzida a um risco para a memória visual se isso for necessário, para que, para o meu amigo, fique todo o volume e espaço onde a evocação da sua arte caiba.

Seu admirador e conterrâneo.

M.T.G.